

Convite à Septuaginta

Karen H. Jobes

Moisés Silva


VIDA NOVA

Há anos uso e recomendo *Convinte à Septuaginta* como excelente e acessível introdução para um campo de estudo muitas vezes complexo. Ele orienta os novatos e aqueles que não são especialistas nessa disciplina por meio de explicações claras de termos e conceitos importantes, pelo extenso uso de exemplos e ilustrações e por discussões atuais da ampla gama de questões e perspectivas dentro do mundo dos estudos acadêmicos da Septuaginta. Sua utilidade como recurso para os estudiosos da Septuaginta também não deve ser subestimada. A segunda edição expande criteriosamente o conteúdo à luz dos muitos avanços no mundo da Septuaginta e de estudos cognatos ao longo dos últimos quinze anos. Quer o leitor concorde, quer não, em todos os pontos com as perspectivas dos autores, no que diz respeito a clareza, concisão e abrangência dessa área de estudo, *Convite à Septuaginta* é uma obra admirável.

Robert J. V. Hiebert, Trinity Western University.

Está atualizado com as contribuições mais relevantes nessa área de estudo e oferece ao leitor uma boa apresentação e uma análise ponderada das fontes mais importantes de pesquisa sobre a Septuaginta. Creio que os autores conseguiram fazer jus a um dos assuntos mais complexos dos estudos bíblicos.

Myrto Theocharous, Greek Bible College, Atenas, Grécia.

Recomendamos este guia bem pesquisado e útil, escrito por dois acadêmicos experientes e conhecedores dos prazeres, dos perigos e das armadilhas de definir e usar o texto do Antigo Testamento grego e de traçar os contornos de sua história e de sua importância [...]. [Os autores] têm conhecimento enciclopédico do assunto e uma perspectiva internacional dos avanços atuais, bem como uma boa abordagem pedagógica ao tema.

J. K. Elliott, *Novum Testamentum*.

Este livro oferece informações atualizadas sobre a elaboração, transmissão e importância da Septuaginta grega, a primeira tradução da Bíblia hebraica. Tanto estudantes quanto pastores serão beneficiados pela pesquisa de Jobes e Silva, apresentada de forma clara e acessível.

Bruce M. Metzger, Princeton Theological Seminary.

O estudo dedicado à Septuaginta, a antiga versão grega do Antigo Testamento, é muito importante para os dias atuais, pois amplia e aprofunda o conhecimento de como teria sido a preservação e a transmissão do texto bíblico. A versão em português, *Convite à Septuaginta*, de Karen H. Jobes e Moisés Silva, publicada por Edições Vida Nova, é um guia atualizado muito completo e abrangente sobre a Septuaginta, servindo tanto para o estudante iniciante quanto para o estudioso experiente. Sem dúvida, a obra enriquece a pesquisa em língua portuguesa sobre a versão clássica grega do Antigo Testamento.

Edson de Faria Francisco, autor do *Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao Texto Massorético* (Vida Nova).

Sumário

<i>Lista de ilustrações</i>	9
<i>Prefácio da segunda edição</i>	11
<i>Prefácio da primeira edição</i>	13
<i>Agradecimentos da primeira edição</i>	17
<i>Abreviações</i>	19
<i>Mapa</i>	24
<i>Linha do tempo</i>	25
<i>Introdução: Por que estudar a Septuaginta?</i>	27
Primeira parte: A história da Septuaginta	37
1. A origem da Septuaginta e de outras versões gregas	39
2. A transmissão da Septuaginta	63
3. A Septuaginta nos tempos modernos.....	95
4. A Septuaginta como tradução	119
Segunda parte: A Septuaginta nos estudos bíblicos	149
5. A língua da Septuaginta.....	151
6. O estabelecimento do texto da Septuaginta	169
7. O uso da Septuaginta para a crítica textual da Bíblia hebraica..	199
8. As descobertas no deserto da Judeia e os estudos da Septuaginta ..	227
9. A Septuaginta e o Novo Testamento	249
10. A interpretação da Septuaginta	281

Terceira parte: A situação atual dos estudos da Septuaginta.....	319
11. Nossos antecessores: <i>Estudiosos da Septuaginta de uma geração anterior.....</i>	<i>321</i>
12. Estudos atuais de língua e tradução.....	349
13. A reconstrução da história do texto	369
14. O desenvolvimento teológico na era helenística.....	389
 Apêndices	
A. Principais organizações e projetos de pesquisa	417
B. Obras de referência.....	433
C. Glossário.....	439
D. Diferenças de numeração de versículos entre as versões e a Septuaginta.....	447
E. Símbolos e abreviações do aparato crítico de Göttingen	453
 <i>Índice de termos e expressões em hebraico/aramaico</i>	<i>459</i>
<i>Índice de termos e expressões em grego.....</i>	<i>461</i>
<i>Índice remissivo.....</i>	<i>463</i>
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	<i>481</i>

Ilustrações

I.1.	Mapa do mundo helenístico.....	24
I.2.	Linha do tempo dos períodos helenístico e romano	25
2.1.	Perspectiva tradicional da relação entre a Septuaginta e as versões gregas posteriores.....	64
2.2.	Perspectiva alternativa da relação entre a Septuaginta e as versões gregas posteriores.....	68
2.3.	História textual das versões gregas	80
2.4.	Códice Vaticano	83
2.5.	Códice Sinaítico	85
2.6.	Códice Alexandrino	86
2.7.	Códice Marcaliano.....	88
2.8.	Manuscrito Chigi (Daniel).....	89
2.9.	Manuscrito Chigi (Ezequiel)	90
3.1.	Septuaginta de Holmes-Parsons.....	99
3.2.	Sequência dos livros na Bíblia hebraica, na Septuaginta grega e na Bíblia (protestante) em nosso idioma	110
5.1.	1Reinos (1Samuel) 3.19—4.2	159
6.1.	Septuaginta Maior de Cambridge.....	191
6.2.	Septuaginta de Rahlfs.....	193
6.3.	Isaías na edição de Göttingen.....	195
6.4.	Gênesis na edição de Göttingen.....	197
7.1.	3Reinos (1Reis) 2.1-5.....	221
8.1.	Fragments 4QJr ^{b,d,e} de um rolo de Qumran.....	236

10.1. Comparação de Ester 5.1-2 com D:1—16	310
11.1. Paul A. de Lagarde	325
11.2. Alfred Rahlfs.....	329
11.3. Henry Barclay Swete	331
11.4. Henry St. John Thackeray.....	335
11.5. Max Leopold Margolis	336
11.6. John W. Wevers	345

Prefácio da segunda edição

O entusiasmo com que foi recebida a primeira edição de *Convite à Septuaginta* é motivo de satisfação para os autores e editores. Desde sua publicação, porém, pesquisas no campo da Septuaginta e estudos cognatos avançaram em um ritmo cada vez mais acelerado. Inúmeras contribuições (entre elas algumas de grande importância) foram publicadas em forma de monografias, obras de referência, artigos de periódicos e antologias. Além disso, recebemos diversas sugestões valiosas de pessoas que avaliaram a obra e de colegas professores e alunos.

Qualquer tentativa de apresentar um relato completo dos avanços dos últimos quinze anos tornaria o livro excessivamente volumoso e reduziria seu valor como texto introdutório. Tivemos, portanto, de ser seletivos no acréscimo de material novo. Não obstante, todos os capítulos estão mais longos. Vários acréscimos consistem em referências bibliográficas nas notas de rodapé, mas o corpo do texto em si foi expandido em diversos pontos para fornecer uma discussão mais completa dos assuntos tratados na edição anterior ou para abranger novos temas (e.g., as discussões atuais sobre o paradigma interlinear e a hermenêutica da tradução). O capítulo 11 traz agora um perfil biográfico de vários estudiosos adicionais (J. Ziegler, I. Soisalon-Soininen, D. Barthélemy e J. W. Wevers). E um novo apêndice apresenta uma tradução da lista de símbolos e abreviações de Göttingen. O glossário também foi expandido.

Entre as revisões estão a correção de algumas imprecisões e pequenas alterações que, esperamos, tornarão o texto mais útil. Muitas dessas alterações não nos teriam ocorrido se não fosse pelos leitores que, gentilmente, deram-se

ao trabalho de chamar nossa atenção para elas; somos verdadeiramente gratos por sua colaboração.

Além disso, procuramos esclarecer declarações ambíguas ou suscetíveis a interpretações equivocadas. De modo específico, alguns leitores inferiram que não consideramos a Septuaginta valiosa para a identificação do texto hebraico.¹ A nosso ver, essa crítica é injustificada. É verdade que recomendamos fortemente cautela nessa área (para evitar o uso muitas vezes aleatório da Septuaginta como solução fácil para problemas de crítica textual), mas, em vários pontos fundamentais, abordamos essa questão de forma positiva.² Ainda assim, somos gratos pela oportunidade, nesta nova edição, de deixar mais claro nosso posicionamento por meio de vários acréscimos e alterações no capítulo 7.

Temos de agradecer aos professores assistentes da faculdade e da pós-graduação de Wheaton que nos ajudaram de diversas maneiras durante o processo de revisão, especialmente Jeremy Otten (2012-2013), que contribuiu para a elaboração da bibliografia, e Jeremiah Coogan (2013-2014), que nos ajudou a expandir os capítulos 6 e 11 e os apêndices.

Dedicamos esta obra aos alunos que a usaram ou a usarão para aumentar seu conhecimento.

Karen H. Jobes
Wheaton, Illinois

Moisés Silva
Litchfield, Michigan

¹Essa foi a avaliação do falecido James Barr em sua extensa resenha sobre nosso livro em *RBL* (out. 2002; publicada *on-line* em http://www.bookreviews.org/pdf/1341_3027.pdf) e de outros escritores que se basearam em sua avaliação. Nossa réplica foi publicada em *BIOSCS* 35 (2002): p. 43-6, incluída no final da resenha *on-line* de Barr.

²Só para mencionar o exemplo mais óbvio, em nossa discussão *principal* desse tema, em que tratamos de Deuteronômio 31.1 (veja “A Septuaginta comparada com o Texto Massorético” no cap. 7, abaixo), concluímos que a redação da Septuaginta, não a do Texto Massorético, é a original. Observe também que elogiamos o livro de Emanuel Tov, *The text-critical use of the Septuagint in biblical research*, ao dizer que é “um guia sério e confiável” (veja “Para dar continuidade a seus estudos” no cap. 7, abaixo). Exceto por umas poucas questões (como a baixa estima de Tov pelas “regras” clássicas de evidências internas), concordamos quase inteiramente com seus princípios e métodos criteriosos.

Prefácio da primeira edição

A inspiração para um livro como este nasceu durante meus estudos de doutorado no Westminster Theological Seminary, em uma disciplina chamada “O Antigo Testamento grego”, lecionada por Moisés Silva. Eu tinha ouvido o professor Silva comentar anteriormente que essa era uma das disciplinas mais difíceis que o seminário oferecia. Uma vez que gosto de um bom desafio e que me apaixonei pelo grego bíblico, matriculei-me com entusiasmo para cursar essa matéria.

Em pouco tempo, comecei a reconhecer as complexidades técnicas e conceituais do estudo da Septuaginta. Muitas de minhas pressuposições ingênuas sobre textos, manuscritos e as Escrituras pelas quais eu tenho grande apreço foram rapidamente despedaçadas. Comecei a ver um retrato mais profundo, misterioso e maravilhoso que cativou minha imaginação acadêmica. Desde então, continuo encantada com o estudo da Septuaginta.

O professor Silva tinha razão; foi uma disciplina difícil. Contudo, uma de minhas dificuldades como aluna para a qual o assunto era inteiramente novo foi o fato de que tudo o que eu li a respeito da Septuaginta parecia supor que o leitor tivesse um bocado de conhecimento prévio. Não encontrei nada que fornecesse uma introdução para as discussões acadêmicas em andamento havia várias décadas. Eu precisava de um texto básico e conciso que definisse o vocabulário específico, delineasse os conceitos mais fundamentais e elementares e esboçasse os temas mais amplos do estudo da Septuaginta. Ao estudar essa disciplina sob a competente direção do professor Silva, passei a anotar coisas que eu gostaria que alguém tivesse escrito em linguagem clara

e acessível. Começou a tomar forma o esboço da presente obra, embora eu não tivesse consciência desse fato na época.

Este livro tem como objetivo ser uma introdução relativamente sucinta e convidativa para alunos sem conhecimento prévio da Septuaginta. Propõe-se apresentar a história e o estado atual da discussão acadêmica ao tratar de terminologia, conceitos fundamentais e temas importantes do estudo da Septuaginta. Não obstante, aqueles que tiverem interesse em investigar o uso técnico da Septuaginta na crítica textual e nos estudos bíblicos também encontrarão aqui recursos para aprimorar seu entendimento. Caso este livro seja bem-sucedido, servirá de ponte para os textos mais complexos produzidos pelos estudiosos que trabalham nessa área. Nosso desejo é que este livro não apenas honre o trabalho realizado por gerações anteriores de estudiosos da Septuaginta e apresente com exatidão o trabalho que está sendo feito hoje por nossos colegas nessa área, mas também inspire futuras gerações a aplicar-se a esse campo fascinante de pesquisa.

Karen H. Jobes
Santa Barbara, Califórnia

Quando eu era aluno do Westminster Theological Seminary, diferentemente da professora Jobes, nem sequer tive a opção de cursar uma disciplina sobre estudos da Septuaginta. No entanto, pude me inscrever em um curso de leitura supervisionada sobre esse tema como parte do mestrado em teologia; e, posteriormente, o texto da Septuaginta se tornou importante foco de minha atenção na pesquisa para o doutorado na University of Manchester. Em minha experiência, aprender os fatos básicos relacionados à Septuaginta não foi problemático; não demorei a perceber, contudo, como esse conhecimento era superficial e, portanto, perigoso. Passar para o nível seguinte, isto é, poder trabalhar com o texto grego de forma responsável e entender artigos especializados, exigiu esforço considerável, especialmente sem ter orientação estruturada.

Quando comecei a lecionar sobre o Antigo Testamento grego, meu objetivo era ajudar os alunos a se beneficiar de meus erros. Embora ainda não exista uma “Septuaginta sem lágrimas” (na verdade, sem aflição, tentativa e erro, raramente se aprende algo), a orientação pedagógica pode evitar um bocado de tempo perdido e de frustração desnecessária. Este livro procura oferecer esse serviço. Esforçamo-nos especialmente para escrever a primeira

parte de forma simples e acessível para o leitor, sem, contudo, minimizar os problemas e as ambiguidades inerentes ao assunto. As ressalvas e nuances desses primeiros capítulos são essenciais para evitar a construção sobre um alicerce instável.

É na segunda parte, porém, que procuramos conduzir o leitor em meio ao cipoal da Septuaginta. Os capítulos dessa seção são voltados para alunos que já têm algum conhecimento das línguas bíblicas e que desejam obter nível intermediário de proficiência no uso do grego bíblico. Com a ajuda adicional da terceira parte, que faz um levantamento do presente estado dos estudos acadêmicos sobre tópicos selecionados, alguns leitores talvez concluam até que vale a pena realizar um estudo avançado da Septuaginta.

O grande desafio de lecionar uma disciplina (ou de escrever um livro) sobre um assunto complexo é que explicar qualquer detalhe parece pressupor compreensão de vários outros detalhes dos quais ainda não tratamos. Esse problema fica especialmente claro no campo dos estudos da Septuaginta. Portanto, certo grau de repetição é inevitável, mas, ao tratar de tópicos individuais, também dependemos consideravelmente do uso de referências cruzadas a discussões anteriores e posteriores dentro do livro. No fim das contas, porém, pode ser necessário fazer uma segunda leitura do livro para finalizar as pendências.

Devo acrescentar que a presente obra jamais teria sido escrita sem os esforços produtivos e perseverantes da professora Jobes, à qual coube a maior parte do trabalho em seus estágios iniciais. No entanto, trocamos ideias ao longo de todo o projeto, lemos e fizemos análises críticas dos textos um do outro e discutimos todos os aspectos do livro antes de ele chegar à sua forma final. Consequentemente, este livro representa uma empreitada colaborativa no sentido mais pleno do termo. É nosso desejo que outros tenham tanto prazer em ler estas páginas quanto nós tivemos em escrevê-las.

Moisés Silva
Ipswich, Massachusetts

Agradecimentos da primeira edição

É um prazer reconhecer a ajuda tão importante que recebemos ao longo deste projeto. Somos especialmente gratos a David Aiken por propor a ideia desta obra, promover o trabalho de várias maneiras e concordar em revisar o manuscrito. Seu interesse pessoal e acadêmico nos estudos da Septuaginta foi de grande importância para que pudéssemos concluir este livro com êxito.

Vários especialistas doaram seu tempo generosamente para nos ajudar. Leonard J. Greenspoon, Emanuel Tov, Robert A. Kraft e Martin G. Abegg leram trechos do manuscrito no estágio inicial e teceram críticas valiosas. Outros colegas, a saber, Natalio Fernández Marcos, Peter W. Flint, Peter J. Gentry, Robert H. Gundry, Galen Marquis, Bruce M. Metzger, Takamitsu Muraoka, Bradley Nassif, Gerard Norton, Albert Pietersma, Eugene C. Ulrich e John W. Wevers responderam gentilmente a nossas perguntas ou apoiaram de outras maneiras nossa pesquisa.

Nossos sinceros agradecimentos à equipe do Instituto Septuaginta-Unternehmen em Göttingen. Durante a visita ao instituto, os autores puderam discutir questões importantes e reunir informações que não se encontravam disponíveis em nenhum outro lugar. Temos uma dívida especial de gratidão para com sua diretora, Anneli Aejmelaeus, pelo tempo que ela abnegadamente dedicou a nós, e para com Udo Quast, cujo conhecimento ímpar dos manuscritos da Septuaginta e do trabalho do instituto foi de valor inestimável.

Também fomos grandemente beneficiados por uma breve visita ao Centre for Septuagint Studies and Textual Criticism (Katholieke Universiteit, Leuven,

Bélgica). Nossos agradecimentos a Erik Eynikel e Katrin Hauspie, por sua ajuda durante essa visita, e a seu diretor, Johan Lust.

Os autores também agradecem a toda a equipe do Ancient Biblical Manuscript Center, em Claremont, Califórnia, por sua ajuda na seleção e aquisição das fotografias de manuscritos apresentadas nesta obra.

David L. Palmer, pesquisador da cátedra Byington no Gordon-Conwell Theological Seminary, leu com grande atenção o manuscrito em um estágio próximo do final, identificou alguns problemas restantes e ofereceu diversas sugestões de aprimoramento.

Bradford Zinnecker, também pesquisador no Gordon-Conwell Theological Seminary, preparou o rascunho inicial do apêndice D que facilitou imensamente nosso trabalho.

Por fim, os autores expressam gratidão ao Westmont College e ao Gordon-Conwell Theological Seminary, pelo apoio que receberam das duas instituições na produção deste livro.

Abreviações

Gerais e bibliográficas

AASF	Annales Academiae Scientarum Fennicae
AB	Anchor Bible
AGJU	Arbeiten zur Geschichte des antiken Judentums und des Urchristentums
ALGHJ	Arbeiten zur Literatur und Geschichte des hellenistischen Judentums
AnBib	Analecta Biblica
ap(s).	apêndice(s)
ARG	<i>Archiv für Religionsgeschichte</i>
AT	Antigo Testamento
BASOR	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i>
BBR	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
BDAG	Walter Bauer, Frederick W. Danker, William F. Arndt, F. Wilbur Gingrich. <i>A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature</i> . 3. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000)
BDF	Friedrich Blass, Albert Debrunner, Robert W. Funk. <i>A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature</i> (Chicago: University of Chicago Press, 1961)
BECNT	Baker Exegetical Commentary on the New Testament
BETL	Bibliotheca ephemeridum theologiarum lovaniensium
BHQ	<i>Biblia Hebraica Quinta</i> . Organização de Adrian Schenker et al. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2004-)
BHS	<i>Biblia Hebraica Stuttgartensia</i> . Organização de Karl Elliger, Wilhelm Rudolph (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983)
BHT	Beiträge zur Historischen Theologie
Bib	<i>Biblica</i>

<i>BIOSCS</i>	<i>Bulletin of the International Organization for Septuagint and Cognate Studies</i>
BJS	Brown Judaic Studies
<i>BN</i>	<i>Biblische Notizen</i>
BSCS	Brill Septuagint Commentary Series
BSNA	Biblical Scholarship in North America
BTS	Biblical Tools and Studies
<i>BZ</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
BZAW	Beihefte zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft
c.	<i>circa</i> , <i>cerca de</i>
CahRB	Cahiers de la Revue biblique
cap(s).	capítulo(s)
CATSS	Computer Assisted Tools for Septuagint Studies
CBET	Contributions to Biblical Exegesis and Theology
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
CBQMS	Catholic Biblical Quarterly Monograph Series
Cód.	Códice
ConBOT	Coniectanea Biblica: Old Testament Series
<i>DBSup</i>	<i>Dictionnaire de la Bible: Supplément</i> . Organização de Louis Pirot, André Robert (Paris: Letouzey et Ané, 1928-)
DJD	Discoveries in the Judaean Desert
esp.	especialmente
exp.	expandido
FAT	Forschungen zum Alten Testament
FRLANT	Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments
GA	Grega Antiga
<i>HS</i>	<i>Hebrew Studies</i>
HSM	Harvard Semitic Monographs
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
<i>HUCA</i>	<i>Hebrew Union College Annual</i>
ICC	International Critical Commentary
img(s).	imagem(ns)
IOSCS	International Organization for Septuagint and Cognate Studies
<i>JAOS</i>	<i>Journal of the American Oriental Society</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
JBS	Jerusalem Biblical Studies
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>
<i>JNSL</i>	<i>Journal of Northwest Semitic Languages</i>
JNSLSup	Journal of Northwest Semitic Languages Supplement

<i>JQR</i>	<i>Jewish Quarterly Review</i>
JQRSup	Jewish Quarterly Review Supplement
<i>JS</i>	<i>Journal for Semitics</i>
<i>JSCS</i>	<i>Journal of Septuagint and Cognate Studies</i>
JSJSup	Supplements to the Journal for the Study of Judaism
JSNTSup	Journal for the Study of the New Testament Supplement Series
JSOTSup	Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies</i>
JSSM	Journal of Semitic Studies Monograph
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
KJV	King James Version
LA	Latina Antiga
LCL	Loeb Classical Library
lit.	literalmente
LNTS	Library of New Testament Studies
LSJ	Henry G. Liddell, Robert Scott, Henry S. Jones. <i>A Greek-English Lexicon</i> . 9. ed., acrescido de suplemento revisado (Oxford: Clarendon, 1996)
LXX	Septuaginta
MS(S)	manuscrito(s)
MSU	Mitteilungen des Septuaginta-Unternehmens
NETS	<i>A New English Translation of the Septuagint</i>
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NIV	New International Version
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
NovTSup	Supplements to Novum Testamentum
NRSV	New Revised Standard Version
n.s.	nova série
NT	Novo Testamento
OBO	Orbis biblicus et orientalis
<i>OtSt</i>	<i>Oudtestamentische Studiën</i>
PG	Patrologia Graeca
PL	Patrologia Latina
port.	português
<i>RB</i>	<i>Revue Biblique</i>
RBL	Review of Biblical Literature
reimpr.	reimpressão
<i>ResQ</i>	<i>Restoration Quarterly</i>
<i>RevQ</i>	<i>Revue de Qumran</i>

SBEC	Studies in the Bible and Early Christianity
SBL	Society of Biblical Literature
SBLCS	Society of Biblical Literature Commentary on the Septuagint
SBLDS	Society of Biblical Literature Dissertation Series
SBLMS	Society of Biblical Literature Monograph Series
SBLSCS	Society of Biblical Literature Septuagint and Cognate Studies
<i>SJOT</i>	<i>Scandinavian Journal of the Old Testament</i>
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series
SOTSMS	Society for Old Testament Studies Monograph Series
STDJ	Studies on the Texts of the Desert of Judah
s.v.	<i>sub verbo</i> , no verbete
TA	Texto-Alfa de Ester grego
<i>TJ</i>	<i>Trinity Journal</i>
TM	Texto Massorético
TSAJ	Texte und Studien zum Antiken Judentum
TSMEMJ	Texts and Studies in Medieval and Early Modern Judaism
UPATS	University of Pennsylvania Armenian Texts and Studies
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum</i>
VTSup	Supplements to Vetus Testamentum
WBC	Word Biblical Commentary
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
WUNT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
ZAW	Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft

Bíblia hebraica / Antigo Testamento

Gn	Gênesis	Ne	Neemias	Dn	Daniel
Êx	Êxodo	Et	Ester	Os	Oseias
Lv	Levítico	Jó	Jó	Jl	Joel
Nm	Números	Sl	Salmos	Am	Amós
Dt	Deuteronômio	Pv	Provérbios	Ob	Obadias
Js	Josué	Ec	Eclesiastes	Jn	Jonas
Jz	Juízes	Ct	Cântico dos	Mq	Miqueias
Rt	Rute		Cânticos	Na	Naum
1-2Sm	1-2Samuel	Is	Isaías	Hc	Habacuque
1-2Rs	1-2Reis	Jr	Jeremias	Sf	Sofonias
1-2Cr	1-2Crônicas	Lm	Lamentações	Ag	Ageu
Ed	Esdras	Zc	Ezequiel	Zc	Zacarias
		Ez	Ezequiel	Ml	Malaquias

Apócrifos do Antigo Testamento

Ac.Dn	Acréscimos a Daniel	Or.Azar.	Oração de Azarias
Ac.Et	Acréscimos a Ester	Or.Man.	Oração de Manassés
Br	Baruque	Sl 151	Salmo 151
Bel	Bel e o dragão	Sir. (Ecles.)	Siraque (Eclesiástico)
1-2Ed	1-2Esdras	C.Três	Cântico dos Três Jovens
Jt	Judite	Su	Susana
C.Jr	Carta de Jeremias	Tb	Tobias
1-4Mc	1-4Macabeus	Sb	Sabedoria (de Salomão)

Novo Testamento

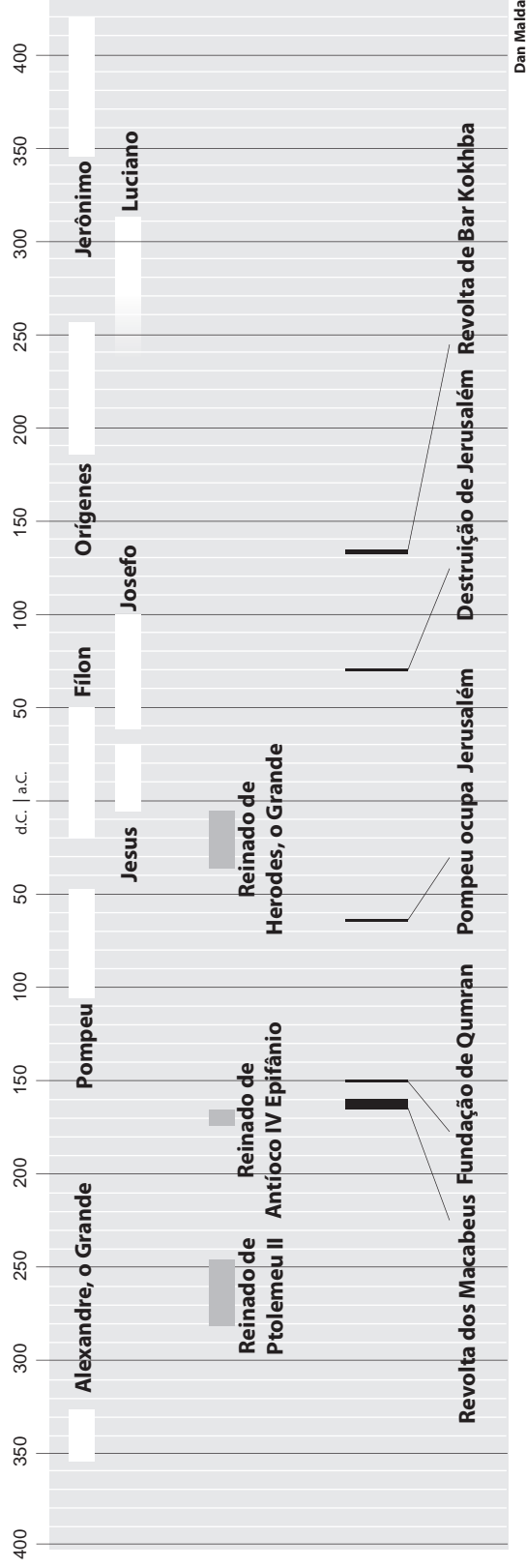
Mt	Mateus	1-2Ts	1-2Tessalonicenses
Mc	Marcos	1-2Tm	1-2Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filemom
At	Atos	Hb	Hebreus
Rm	Romanos	Tg	Tiago
1-2Co	1-2Coríntios	1-2Pe	1-2Pedro
Gl	Gálatas	1-3Jo	1-3João
Ef	Efésios	Jd	Judas
Fp	Filipenses	Ap	Apocalipse
Cl	Colossenses		

Figura 1.1.

O mundo helenístico



Figura 1.2. Linha do tempo dos períodos helenístico e romano



Introdução

Por que estudar a Septuaginta?

A SEPTUAGINTA (a abreviação habitual é LXX) é um tesouro fascinante do passado antigo.¹ Quer você seja cristão, quer judeu, ou não seja nenhum dos dois,² quer você tenha interesse apenas geral em estudos religiosos, quer seja aspirante a estudioso da Bíblia, vale a pena ter conhecimento da Septuaginta. Uma vez que ela foi a primeira tradução da Bíblia hebraica (e, possivelmente, de qualquer obra literária de tamanho comparável) para outra língua, é um marco da cultura humana. O conhecimento sobre o mundo antigo fica incompleto sem o entendimento da importância da Septuaginta e da história que levou à sua existência. No presente livro, convidamos você a aprender sobre o lugar que essa tradução ocupa na história, a perceber seu valor para os estudos acadêmicos modernos e a desenvolver uma medida de entusiasmo por ela. Este capítulo tem por objetivo fornecer uma visão geral desse campo de estudo, com uma breve descrição de questões das quais trataremos adiante em mais detalhes.

¹A forma “correta” de pronunciar *Septuaginta* é tema de discussão bem-humorada entre especialistas. Em português, a dúvida é se na pronúncia da sílaba *-gin-* o “g” deve ser pronunciado como na palavra gente ou como na palavra gato, neste caso, como se costuma fazer na Europa quando pronunciam a palavra em latim.

Termos que fazem parte do glossário aparecem em versalete em sua primeira ocorrência no texto.

²Os autores são cristãos, mas reconhecem e valorizam a herança judaica da Bíblia e de suas traduções. Portanto, as designações *Bíblia hebraica* e *Escrituras hebraicas* serão usadas principalmente quando o texto for tratado no contexto do judaísmo, e *Antigo Testamento* (AT) no contexto da igreja.

A Septuaginta e a Bíblia hebraica

A Bíblia contém escritos antigos lidos continuamente desde o tempo de seus autores até o presente. A primeira e mais antiga parte da Bíblia foi escrita inicialmente em hebraico (com alguns trechos curtos em aramaico: Ed 4.8—6.18; 7.12-26; Dn 2.4—7.28; Jr 10.11; e duas palavras em Gn 31.47). A importância desses escritos sagrados, primeiro para os judeus e, depois, para os cristãos, exigiu que, ao longo da história, eles fossem traduzidos para as línguas dos povos que os receberam como Escrituras.

Depois que o Oriente Médio foi conquistado por Alexandre, o Grande (c. 333 a.C.), o povo judeu se viu sujeito à influência da cultura helenística. Seus valores religiosos e costumes antigos eram conflitantes com as práticas, as filosofias e a língua gregas. Como nos dias de hoje, a maioria dos judeus do período helenístico vivia fora de Israel. Uma vez que, em geral, os judeus da DIÁSPORA (Dispersão) espalhados por toda a região mediterrânea não falavam mais hebraico, tiveram de traduzir seus escritos sagrados para o grego, que havia se tornado a língua franca do mundo helenístico. Portanto, a versão grega da Bíblia hebraica, hoje conhecida como Septuaginta, se tornou Escritura para as comunidades judaicas de fala grega na Diáspora. Junto com o Novo Testamento grego, ela viria a ser a Bíblia da maioria dos cristãos durante os primeiros séculos da igreja. Ainda hoje, a versão grega continua a ser o texto canônico da tradição cristã ortodoxa, cujas origens remontam aos primeiros cristãos de fala grega.

Tendo em conta a importância amplamente difundida da Bíblia grega, foram produzidas, ao longo dos séculos, muitas cópias por escribas de diversos lugares. Há mais manuscritos ainda existentes do AT grego do que de qualquer outro texto antigo, exceto o NT. De acordo com uma fonte conceituada, “no momento, tem-se conhecimento de até dois mil manuscritos da Septuaginta: abrangem um período que vai do segundo século a.C. até o século 16 d.C. e se encontram espalhados pelo mundo todo”.³ Para estudiosos interessados nas complexidades da crítica textual e nas tendências dos escribas, os manuscritos das versões gregas fornecem uma enorme quantidade de material para estudo.

A Septuaginta foi escrita em COINÉ, o grego comum da era helenística, uma forma da língua que havia se desenvolvido do grego clássico da Atenas

³Essa estimativa é do Septuaginta-Unternehmen, em Göttingen: Göttingen: <http://adw-goe.de/en/research/research-projects-within-the-academies-programme/septuaginta-unternehmen/> (acesso em: 2 set. 2015). Como geralmente ocorrem em obras antigas, muitos dos manuscritos estão fragmentados. Para mais detalhes, veja abaixo, cap. 2, “Manuscritos gregos”.

do quinto século. Para estudiosos da língua grega do período helenístico, a Septuaginta é uma importante fonte de informações. Além disso, uma vez que é a tradução de um texto hebraico para o grego, constitui uma oportunidade singular para aqueles que têm interesse em comparar o grego usado na tradução de textos com o grego usado na redação de textos.

A versão grega também é de grande valor para o estudo do texto hebraico. As questões associadas a esse uso da Septuaginta são complexas, mas é fato que ela foi traduzida de algum texto hebraico não idêntico ao texto hebraico que usamos hoje. Essa tradução grega original, produzida em um período anterior às cópias que chegaram até nós da Bíblia hebraica, é testemunha indireta de seu *VORLAGE*, isto é, do texto hebraico fonte do qual ela foi traduzida. Teoricamente, a Septuaginta deve permitir a estudiosos que reconstruam esse texto hebraico anterior, embora, na prática, essa empreitada seja repleta de dificuldades.

Logo no primeiro capítulo da Bíblia, deparamos com alguns exemplos interessantes em que o grego difere do texto hebraico que chegou até nós. Compare Gênesis 1.6-7 nas duas formas (traduzidas literalmente):

Hebraico	Grego
6 E Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas, e que ele faça separação entre águas e águas”.	E Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas, e que ele faça separação entre águas e águas”. E assim foi.
7 E Deus fez o firmamento e fez separação entre as águas que [estavam] debaixo do firmamento e entre as águas que [estavam] acima do firmamento. E assim foi.	E Deus fez o firmamento, e Deus fez separação entre a água que estava debaixo do firmamento e entre a água acima do firmamento.

É possível notar algumas pequenas diferenças, como a repetição de “Deus” na versão grega do versículo 7. Observe especialmente, porém, que o grego traz as palavras “e assim foi” no versículo 6, não no versículo 7. Será que isso significa, como propõem alguns estudiosos, que o manuscrito hebraico usado pelo tradutor grego também tinha essas palavras no versículo 6? Ou há outra forma de explicar a diferença?

Um dos motivos pelos quais não há como os estudiosos terem certeza de que o grego representa de modo exato seu *Vorlage* hebraico é que a tradução

entre duas línguas quaisquer sempre implica certo grau de interpretação. Os tradutores que produziram a versão grega da Bíblia hebraica também eram intérpretes que abordaram o texto com os preconceitos teológicos e políticos de sua época e, portanto, tiveram de lidar com questões hermenêuticas semelhantes às que temos diante de nós hoje. Sem dúvida, suas traduções foram influenciadas, de forma propositada ou subconsciente, por aquilo que eles acreditavam que o hebraico significava à luz de sua situação contemporânea, que talvez não correspondesse à intenção do autor do texto hebraico. Por certo, essa é uma péssima notícia para a crítica textual, que deseja usar a versão grega para reconstruir seu texto fonte hebraico. É possível que o tradutor grego tenha omitido as palavras “e assim foi” em Gênesis 1.7, talvez porque parecessem deslocadas, e as tenha inserido em 1.6, onde parecem mais apropriadas logo depois da ordem de Deus (de modo semelhante, o texto grego traz essas palavras depois da ordem em Gn 1.20, em que não aparecem nos textos hebraicos existentes).

Em contrapartida, justamente pelo fato de a Septuaginta refletir interesses teológicos, sociais e políticos de seus tradutores, fornece informações valiosas sobre como a Bíblia hebraica era entendida e interpretada na época em que os tradutores realizaram seu trabalho. Encontramos, na versão em grego, passagens que recebem um viés político ou religioso específico. Essa característica fica especialmente clara em Isaías. Por exemplo, o texto hebraico de Isaías 65.11 repreende aqueles que, ao abandonarem o Senhor, “põem a mesa para Gade [divindade da fortuna] e encham taças de vinho misturado para Meni [divindade do destino]”. Provavelmente os nomes desses deuses SEMÍTICOS não eram conhecidos pelos judeus alexandrinos e, por isso, o tradutor os substituiu pelos termos gregos para “demônio” e “destino”, que podiam ser entendidos como nomes de divindades.⁴ Por meio dessa técnica, o tradutor conseguiu não apenas esclarecer o significado do texto, mas também contextualizá-lo.

Também é necessário lembrar que a Septuaginta foi produzida logo depois da conquista e da morte de Alexandre, quando a Palestina era cobiçada pelos

⁴Veja Isaac L. Seeligmann, *The Septuagint version of Isaiah: a discussion of its problems* (Leiden: Brill, 1948), p. 99. Ele propõe que as palavras gregas devem ser entendidas como uma referência a Agathos Daimon e a Tique, divindades do culto helenístico. Essa obra, junto com outros dois estudos, foi reimpressa sob o título *The Septuagint version of Isaiah and cognate studies*, organização de Robert Hanhart e Hermann Spieckermann, FAT 40 (Tübingen: Mohr Siebeck, 2004), com paginação diferente (veja p. 264).

ptolemeus, ao sul, no Egito, e pelos selêucidas, ao norte, na Síria. Uma vez que a Palestina estava entre ambos, era comum haver lealdades políticas divididas entre os judeus. Além do mais, houve grande conturbação interna quando judeus a favor da helenização entraram em conflito com judeus que se opunham a ela. Assim como, hoje em dia, as pessoas usam a Bíblia para apoiar suas ideologias, também se recorria aos escritos sagrados como fonte de autoridade naquela época. E, assim como se pode interpretar determinado versículo hoje em dia como comprovação para partidos opostos, textos sagrados específicos também eram entendidos de diferentes formas por diferentes comunidades. Esse conflito pode ser visto, por exemplo, na interpretação das Escrituras pelos essênios, em comparação com a interpretação pelos fariseus. Há controvérsia quanto ao grau em que é possível identificar interpretações desse tipo na tradução da Bíblia para o grego, mas seria estranho se afinidades políticas e convicções religiosas dos tradutores não se refletissem em seu trabalho.⁵ De qualquer modo, a Septuaginta fornece material bastante valioso que mostra como a Bíblia hebraica era usada nesse período de grande importância da história judaica.

A Septuaginta na igreja cristã

O AT grego, não a Bíblia hebraica, foi o principal contexto teológico e literário em que os autores do NT e a maioria dos cristãos primitivos trabalharam.⁶ Isso não significa que os autores do NT não tinham conhecimento da Bíblia hebraica ou que não a tenham usado. Contudo, uma vez que os autores do NT estavam escrevendo em grego, era natural citar, mencionar e usar de outras maneiras a versão grega da Bíblia hebraica. Esse processo não é diferente de um autor moderno que escreve em espanhol, por exemplo, e cita uma tradução amplamente usada da Bíblia para esse idioma.

Consequentemente, conhecer o AT grego sem dúvida é proveitoso para quem estuda o NT grego. O estudioso da Bíblia Adolf Deissmann escreveu

⁵E.g., cf. Isaías 15.7b, em que o hebraico traz: “Eles [i.e., os moabitas] levarão embora seus bens para o outro lado do riacho dos salgueiros”. O tradutor grego, porém, entendeu o texto equivocadamente (o termo hebraico para “salgueiros” tem as mesmas consoantes que o termo para “árabes”) e traduziu a frase por: “Pois eu trarei árabes sobre o vale, e eles o tomarão”. Seeligmann (*Septuagint version of Isaiah*, p. 89 [reimpr. p. 234]) propõe que essa tradução faz alusão à conquista da Transjordânia pelos nabateus, um Estado árabe, no segundo século a.C.

⁶Veja Emanuel Tov, “The Septuagint between Judaism and Christianity”, in: Thomas Scott Caulley e Hermann Lichtenberger, orgs., *Die Septuaginta und das frühe Christentum—The Septuagint and Christian Origins*, WUNT 277 (Tübingen: Mohr Siebeck, 2011), p. 3-25.

certa vez: “Uma só hora dedicada com amor ao estudo da Septuaginta promoverá nosso conhecimento exegético das epístolas paulinas mais que um dia inteiro gasto com um comentário”.⁷ Essa ligação pode ser ilustrada em vários níveis.

Primeiro, a Septuaginta forneceu parte do vocabulário do qual os autores do NT se valeram. Por certo, muitas vezes é difícil identificar se um autor empregou determinado termo grego, como *sabbaton* (“sábado”), em razão de seu uso na Septuaginta ou simplesmente porque já fazia parte do vocabulário dos judeus de fala grega no primeiro século. Não há dúvida, porém, de que os autores do NT empregaram, com frequência, termos ou expressões da Septuaginta cujo uso não era comum em grego (e.g., *pasa sarx*, “toda carne”, em Lc 3.6). Nesses casos, é possível que tomem emprestados termos da Septuaginta para conferir ao texto um estilo “bíblico”. A maioria de nós já ouviu alguém usar, por exemplo, os pronomes pessoais arcaicos *vós* e *vosso* em uma oração. Embora esses pronomes não sejam de uso comum em nosso vocabulário moderno, as pessoas ainda o empregam em algumas ocasiões quando desejam imitar ou indicar o estilo de linguagem bíblica que encontramos em versões bíblicas antigas e influentes. A Septuaginta certamente deixou sua marca no grego, assim como a Versão King James deixou sua marca no inglês.

Segundo, por vezes os autores do NT usavam expressões da Septuaginta para trazer à memória do leitor passagens específicas das Escrituras do AT. Paulo, por exemplo, emprega a expressão “todo joelho se dobrará” em Filipenses 2.10 para descrever a exaltação final de Jesus. Essa expressão ocorre no texto grego de Isaías 45.22-23, que pode ser traduzido da seguinte forma:

Voltem-se para mim e serão salvos,
 vocês dos confins da terra.
 Eu sou Deus, e não há nenhum outro.
 Por mim mesmo eu juro
 — certamente a justiça sairá de minha boca,
 minhas palavras não serão impedidas —
 que todo joelho se dobrará para mim
 e toda língua confessará a Deus.

⁷Adolf Deissmann, *The philology of the Greek Bible* (London: Hodder & Stoughton, 1908), p. 12.

Paulo usa claramente vocabulário da versão grega de Isaías 45.23, não apenas com o objetivo de parecer “bíblico”, mas a fim de trazer essa passagem à memória para identificar Jesus com Deus.

Terceiro, os autores do NT citam o AT grego com frequência de forma direta, talvez até cerca de trezentas vezes. Isso explica algumas diferenças que os leitores observam ao comparar essas citações com as passagens correspondentes do AT. Por exemplo, em Hebreus 11.21, quando Jacó está à beira da morte, diz-se que ele adorou a Deus apoiado na extremidade de seu *bordão*, uma referência ao texto grego de Gênesis 47.31. Em quase todas as Bíblias em nosso idioma, porém, Gênesis diz que Jacó adorou a Deus apoiado na cabeceira de sua *cama*, como aparece nos manuscritos hebraicos que chegaram até nós. Essa discrepância se deve ao fato de que o texto hebraico usado pelo tradutor grego de Gênesis consistia apenas em consoantes; as vogais apropriadas eram inferidas do contexto pelo leitor. O substantivo hebraico *mṯh* em Gênesis pode ser entendido como *maṯṯeh* (“bordão”) ou *miṯṯâ* (“cama”), e o tradutor grego, possivelmente seguindo uma tradição interpretativa, inferiu que o termo pretendido era *bordão*. Alguns séculos depois, quando foram acrescentados pontos vocálicos aos textos bíblicos hebraicos, o substantivo em Gênesis 47.31 foi entendido (com base em uma tradição diferente) como “cama”.⁸

É necessário perceber que a vinculação e o desenvolvimento de pensamento entre Antigo Testamento e Novo Testamento são especialmente importantes para a teologia bíblica. O AT grego fornece ligações teológicas essenciais, mas, com frequência, desconsideradas, conhecidas dos cristãos do primeiro século, porém menos óbvias na versão em hebraico. Nenhum estudioso do NT pode se dar ao luxo de ignorar a Septuaginta e outras versões gregas.

Além disso, o texto grego, não o hebraico, foi a Bíblia usada pelos primeiros pais da igreja e nos concílios. No desenvolvimento da doutrina sobre a natureza de Jesus e da Trindade, a discussão girou em torno da exegese de textos fundamentais do AT. Uma vez que a maioria dos pais da igreja não sabia ler hebraico, as discussões exegéticas eram resolvidas por meio do uso do AT grego. Alguns termos gregos empregados para traduzir o AT tinham conotações

⁸A NIV traduz Gênesis 47.31 de forma que concorde com Hebreus 11.21, supostamente com base na ideia de que a pontuação tradicional de vogais do texto hebraico está incorreta e que a versão grega preserva o sentido correto. Para uma discussão sobre essa citação, veja Moisés Silva, “The New Testament use of the Old Testament: text form and authority”, in: D. A. Carson e J. W. Woodbridge, orgs., *Scripture and truth* (Grand Rapids: Zondervan, 1983; reimpr., Grand Rapids: Baker, 1992), p. 147-65.

associadas à cultura e à filosofia gregas que, provavelmente, não faziam parte do pensamento do autor hebreu original. O simples fato de as Escrituras hebraicas existirem na língua grega e serem lidas por pessoas que viviam em uma cultura grega levou a exegese feita por intérpretes judeus e cristãos (e.g., Fílon e Ário, respectivamente) a ser fortemente influenciada pela filosofia grega.

Claro que se deve levar em conta, ainda, que os próprios tradutores gregos traduziram o hebraico de maneiras que também foram influenciadas, em certa medida, pela cultura e pelo pensamento gregos, o que tornou o texto ainda mais apropriado para uma exegese posterior influenciada de modo semelhante. Um bom exemplo é o texto grego de Provérbios 8.22-31, que ocupou posição de destaque em discussões iniciais a respeito da natureza de Jesus e do lugar dele na Trindade. Nessa passagem, a sabedoria é personificada como a primeira das obras do Senhor antes da criação do Universo. Especialmente em razão dos primeiros versículos do Evangelho de João, Jesus veio a ser associado à sabedoria (*sophia*) ou à racionalidade (*logos*) divinas. Na filosofia grega, porém, o conceito grego de uma sabedoria divina impessoal que permeia o Universo era proeminente e, portanto, a natureza de Jesus e seu relacionamento com Deus Pai teve de ser delineada com grande cuidado. Muitos teólogos antigos, como Orígenes e Tertuliano, usaram Provérbios 8 em suas discussões sobre o relacionamento entre o Filho e o Pai. Posteriormente, Ário, presbítero cristão de Alexandria (falecido em 336), propôs com base na tradução grega de Provérbio 8 que o Filho era um ser criado, não coeterno com o Pai. Diferenças sutis entre o grego e o hebraico trabalharam em favor da argumentação de Ário, o que levou a anos de discussão intensa.⁹

Agostinho é conhecido por fazer uso frequente de Isaías 7.9: “Se não crerem, não entenderão” (de acordo com a Latina Antiga), que torna a fé o elemento central na busca por conhecimento.¹⁰ Essa declaração, contudo, não se encontra na maioria das Bíblias atuais em nosso idioma, que traduz o texto hebraico por: “Se não ficarem firmes na fé, não permanecerão” (NIV). A declaração, feita no contexto original da exortação de Isaías ao rei Acáz, ameaça o futuro do reinado de Acáz se ele buscar segurança em uma

⁹O ensinamento ariano foi declarado heresia pelo Concílio de Niceia em 325. Para mais detalhes, veja Jaroslav Pelikan, *The Christian tradition: a history of the development of doctrine* (Chicago: University of Chicago Press, 1971-1989), 5 vols., 1:191-210 [publicado em português por Shedd sob o título *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina*].

¹⁰Robert J. O’Connell, *Soundings in St. Augustine’s imagination* (New York: Fordham University Press, 1994), p. 123-4.

aliança com a Assíria. Como o papa Francisco destaca em sua carta encíclica *Lumen Fidei*,

Temos aqui um jogo de palavras baseado em duas formas do verbo *'amān*: “Vocês crerão” (*ta' amînû*) e “vocês serão firmados” (*tē'amēnû*) [...]. Pode parecer que a versão grega da Bíblia, ao traduzir “ser firmado” por “entender”, alterou profundamente o significado do texto ao se afastar do conceito bíblico de confiar em Deus, em direção ao conceito grego de entendimento intelectual. No entanto, embora essa tradução certamente reflita um diálogo com a cultura helenística, não é estranha ao espírito subjacente ao texto hebraico. O alicerce firme que Isaías promete ao rei é, verdadeiramente, fundamentado em um entendimento da atividade de Deus e da unidade que ele confere à vida humana e à história de seu povo.¹¹

Agostinho, que muito provavelmente usou uma Bíblia em latim traduzida de um texto grego, descobriu ali que, sem fé na presença constante de Deus, é impossível alcançar verdadeiro entendimento.

Esses são apenas dois dentre muitos exemplos que mostram como as doutrinas e crenças do cristianismo foram elaboradas a partir de apelos exegéticos a um AT escrito em grego, não em hebraico. Embora nenhum ponto da doutrina cristã se fundamente no texto grego em contradição com o hebraico, também é verdade que o texto grego do AT foi a Palavra de Deus para a igreja universal em seus três primeiros séculos. Ademais, as igrejas ortodoxas orientais herdaram o texto grego como sua Bíblia. Tradicionalmente, as igrejas ortodoxas consideram a versão grega divinamente inspirada (e pensam até que, em algum sentido, ela superou o texto hebraico), embora essa perspectiva seja controversa entre estudiosos ortodoxos de hoje.¹²

Em virtude da Reforma Protestante do século 16, a maioria dos cristãos da igreja ocidental de hoje desconhece inteiramente a Septuaginta. Isso se deve, em parte, à transferência de foco, durante a Reforma, das traduções mais antigas do AT (fossem elas em grego ou em latim) de volta para o original hebraico. Traduções do AT para nosso idioma hoje são baseadas, acertadamente, não nas versões gregas ou latinas, mas no melhor texto hebraico

¹¹Papa Francisco, *Lumen Fidei*, site do Vaticano (29 jun. 2013), §23, disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_encyclica-lumen-fidei.html (acesso em: 2 set. 2015).

¹²Veja a discussão sob o título “O cânon bíblico” e nota 48, no cap. 3, abaixo.

disponível, conhecido como TEXTO MASSORÉTICO (TM). Embora o hebraico seja a melhor base textual para as traduções modernas, não podemos nos esquecer de que a antiga versão grega do AT foi, não obstante, a Bíblia dos primeiros autores cristãos.¹³

Como vimos, as versões gregas apresentam ligações textuais ausentes no hebraico e que fornecem vinculação histórica e literária para o importante trabalho de teologia bíblica e para entender com exatidão as discussões exegéticas dos primeiros pais da igreja. Quem estuda a Bíblia na faculdade ou no seminário tem de aprender a valorizar a Septuaginta e a entender seu uso na exegese e nos estudos acadêmicos bíblicos modernos. Embora poucos estudantes se especializem no estudo da Septuaginta em nível de pós-graduação, todos que estudam a Bíblia, qualquer que seja sua identidade religiosa, devem entender a importância histórica da Septuaginta e sua contribuição expressiva para o desenvolvimento da Bíblia que temos em mãos hoje. Como disse o conhecido estudioso da Bíblia Ferdinand Hitzig, “Senhores, vocês têm uma Septuaginta? Em caso negativo, vendam tudo o que têm e comprem uma Septuaginta”.¹⁴

¹³Müller chega a dizer que a igreja cristã no Ocidente se equivocou seriamente ao seguir a preferência de Jerônimo pelo texto hebraico em lugar da Septuaginta. Veja Mogens Müller, *The first Bible of the church: a plea for the Septuagint*, JSOTSup 206, Copenhagen International Seminary 1 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996), p. 143. Ainda mais enfático é Timothy Michael Law, *When God spoke Greek: the Septuagint and the making of the Christian Bible* (New York: Oxford University Press, 2013). Embora os argumentos desses e de outros autores não sejam persuasivos, servem para mostrar a grande importância do texto grego para o cristianismo primitivo.

¹⁴J. J. Kneucker, “Zur Erinnerung an Ferdinand Hitzig: Eine Lebens- und Charakterskizze”, in: J. J. Kneucker, org., *Dr. Ferdinand Hitzig's Vorlesungen über Biblische Theologie und Messianische Weissagungen des Alten Testaments* (Karlsruhe: H. Reuther, 1880), p. 1-64, esp. 19, nota 2. Ao que parece, o professor Hitzig não tinha alunas. Hoje em dia, as mulheres estão entre os estudiosos de destaque que contribuem para os estudos da Septuaginta.